

Jovens fora da escola

 universal.org/noticia/2017/05/28/jovens-fora-da-escola-40320.html

publicado em 28/05/2017 às 00:05.

Por Rê Campbell (*) / Fotos: Marcelo Alves, Cedida e Arquivo pessoal / Arte: Edi Edson

Milene de Oliveira (**foto ao lado**), de 29 anos, ficou uma década longe dos bancos escolares. Aos 18 anos, a jovem abandonou o ensino médio por falta de perspectivas. Ela conta que ficava desmotivada com a falta de relação entre os conteúdos ensinados e seu cotidiano. Na época, Milene trabalhava como atendente em uma padaria. “Não acreditava que o estudo pudesse me trazer algo novo ou me colocar em outro lugar. Me sentia um peixe fora d’água na escola.”



Durante o período sem estudar, Milene foi funcionária de um café e vendedora. Também abriu uma loja de roupas, mas o negócio não deu certo e ela voltou ao mercado como atendente em outra empresa de alimentação. Ela chegou a receber um convite para mudar de cargo e ganhar um salário maior, mas foi desclassificada por não ter ensino médio e superior. “A falta de estudos atrapalhou bastante, eu poderia ter entrado em empresas muito boas.”

Em busca de novas oportunidades, Milene procurou um programa de educação de jovens e adultos e concluiu o ensino médio em 2016. “Foi muito bom terminar essa fase, eu me sentia incompleta sem os estudos.” Este ano, ela começou a faculdade de Marketing e já tem planos para o futuro, que incluem fazer estágio em marketing e abrir um negócio na área de alimentação. “Quero combinar marketing e cozinha, é um sonho que vem desde criança”, conclui.

Fora da escola

Assim como Milene, muitos jovens desistem da escola antes de concluir todas as etapas. Apenas 58,5% dos brasileiros haviam terminado o ensino médio até os 19 anos em 2015, segundo estudo do Movimento Todos Pela Educação (TPE), feito com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). Outros 2,5 milhões de crianças e jovens de 4 a 17 anos estavam fora da escola em 2015, embora a taxa de matrículas tenha chegado a 94,2% naquele ano.



A pesquisa ainda mostra que 1.543.713 de jovens de 15 a 17 anos estão fora da escola. O baixo crescimento no percentual de matrículas nessa faixa etária é apontado como um dos pontos mais críticos pelo TPE. Entre 2005 e 2015, o número de matriculados passou de 78,8% para apenas 82,6%. “Sabemos da dificuldade de fazer com que o ensino médio seja atrativo e converse com a realidade do aluno, que faça com que ele entre, fique e aprenda. Outro desafio é o número alto de meninas grávidas nessa idade que saem da escola e não voltam”, analisa Carolina Fernandes, coordenadora de articulação e mobilização do TPE.

Ela destaca que existem muitos brasileiros fora da escola, apesar da lei que determina matrícula obrigatória de 4 a 17 anos de idade. “É importante que os governos de fato se comprometam a cumprir as leis porque hoje não existe

uma sanção ao não cumprimento. A sociedade que tem acesso a essas informações também deve fazer a cobrança não só por vagas, mas também por qualidade e equidade na educação.”

Estudo aumenta salário

A falta de estudos significa salários mais baixos e menos oportunidades no mercado de trabalho, destaca o economista Marcelo Neri, diretor do FGV Social – Centro de Políticas Sociais. Segundo ele, cada ano de estudo representa um aumento médio de 11,6% no salário do trabalhador. Quem terminou o ensino médio pode ter renda até 106% maior, se comparada aos ganhos de quem tem só o ensino fundamental. Com ensino superior, o incremento na renda é de mais 57,5%. Isso significa que, em 2015, um brasileiro com diploma de graduação poderia ter uma renda mensal de R\$ 3.047, enquanto um brasileiro com ensino fundamental tinha renda média de R\$ 815, segundo pesquisa feita com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. “A educação é um excelente investimento para a pessoa e para o país. O jovem foi o que mais perdeu renda na sociedade. Então, é importante investir em educação, é isso que vai alavancar a vida dele”, diz.

Neri destaca que o retorno do investimento também é alto em relação a cursos profissionalizantes, como técnicos e tecnólogos. Apesar disso, o economista lembra que o Brasil vive uma contradição. “O efeito-diploma mostra que o retorno da educação é alto, mas temos um certo paradoxo: os jovens que deveriam estar no ensino médio, de 15 a 17 anos, não estão frequentando a escola. Os motivos são falta de interesse, falta de oferta, falta de renda também, eles precisariam de bolsa para continuar os estudos”, avalia. “Não dá para falar para o jovem que só com o ensino médio ele vai estar preparado. O salário ainda pode ser baixo, mas seria bem mais baixo sem esse diploma”, conclui.

O que o jovem quer?

Outra pesquisa do Todos Pela Educação, feita com 1.551 jovens entre 15 e 19 anos, mostrou que segurança, atenção às pessoas com deficiência, professores assíduos e boa infraestrutura são os itens de maior importância e menor satisfação do aluno em relação às escolas. Carolina Fernandes avalia que isso indica a importância de repensar os modelos de educação com base no diálogo e na compreensão das necessidades dos estudantes. “É preciso ouvir o aluno e o corpo escolar, ouvir quem vive a escola no dia a dia e dar um retorno. Muitas vezes, escolas e governos tentam ouvi-los, mas não sabem como responder aos pedidos.”

Para começar a mudar esse quadro, ela sugere que cada brasileiro converse sobre educação e busque informações sobre o tema. “Uma pessoa que tem em seu círculo crianças e jovens pode verificar se estão todos matriculados, se eles estão aprendendo, o que acontece na escola. Há outros patamares de participação, como ajudar de maneira direta alguma escola, participar de um grupo na comunidade”, enumera.

A evasão escolar é um sinal de que o sistema de ensino do Brasil tem falhas, reforça o professor-doutor Cláudio Messias. Ele já atuou como docente nos ensinos fundamental e médio no Estado de São Paulo e hoje é professor assistente no curso de Comunicação Social, na linha de Educomunicação, na Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba. “O aluno é crítico, ele tem uma visão crítica da própria escola. Se ele abandona a escola, ele está falando para a sociedade que não é esse modelo de educação que ele quer”, diz.

Entre os problemas da educação, o professor destaca a falta de políticas públicas pensadas para a realidade dos jovens, a ausência de medidas que levem em conta as diferenças de cada região do País, o despreparo de professores e a pouca participação de familiares e sociedade na escola.

Messias lembra que o Brasil teve avanços na educação desde 2003 e elogia políticas como a escola em tempo integral e a formação continuada oferecida a professores por alguns Estados. Entretanto, ele pondera que ainda é necessário melhorar a qualidade do ensino com mais investimentos na área.

“Hoje, por exemplo, não temos metodologia para a contratação de coordenadores pedagógicos e muitas escolas padecem de problemas de gestão. E será que temos condições de aplicar as mesmas políticas de educação em

todas as regiões do País? É um conjunto de fatores, todos envolvem as políticas públicas para a educação. Mas acredito que nós, professores, também precisamos rever nosso papel, reconhecer o problema e fazer parte da solução”, finaliza.

Projeto para ajudar escolas públicas

O biomédico Kaique Cesar de Paula Silva (**foto ao lado**), de 24 anos, é o primeiro membro de sua família a ter um diploma de ensino superior. Ele cursou os ensinos fundamental e médio em escola pública. “Sempre ouvia de familiares que eu tinha que estudar mais para conseguir um emprego melhor.”



Kaique entrou em uma universidade particular um ano após o fim do ensino médio, com o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies). “Senti um pouco de dificuldade no início, principalmente em química, pois o professor do ensino médio sempre faltava. Mas fiz aulas de reforço na faculdade e conclui a graduação no período certo.” Ele começou o mestrado na USP Bauru em Reabilitação de Anomalias Craniofaciais no ano seguinte, em 2016.

Na graduação, Kaique e um amigo criaram uma fan page no Facebook, a Biomédico Nerd, dedicada à biomedicina. Por causa disso, eles receberam convites para dar palestras sobre a área e criaram um projeto voluntário. Hoje, com mais de dois anos de existência, o projeto de extensão voluntária Ciência e Saúde nas Escolas tem sete universidades parceiras e atende cinco escolas públicas com aulas e outras atividades. “Trabalhamos com reforço escolar, atendimento psicológico, ajudamos a criar metodologias criativas. Lembro das dificuldades que enfrentei e é gratificante levar opções que podem mudar a realidade dos alunos.”

Visão de negócios

O empresário Tiago Romão (**foto ao lado**), de 31 anos, conta que os estudos deram nova perspectiva à sua vida. Mas nem sempre foi assim. Aos 15 anos, ele abandonou o ensino médio. “Eu estudava em escola pública. Comparava minha escola com as que via nos filmes e percebia que não tínhamos incentivo. O ensino era precário, não me estimulava.”



Após três anos longe da escola, Tiago se sentia sozinho e decidiu visitar a biblioteca da instituição. “Comecei a frequentar a biblioteca toda semana e lá peguei gosto pela literatura, aí veio um enorme desejo de estudar.” Ele terminou o ensino médio aos 18 anos e começou um curso técnico na área de informática.

O interesse por tecnologia o levou a criar seu primeiro empreendimento. “Montei meu negócio na época do curso técnico, criava softwares e websites. Com o dinheiro que recebia, paguei minha faculdade de Tecnologia da Informação.” Depois de concluir o ensino superior, Tiago fez pós-graduação em marketing e diversos cursos. “Estou sempre estudando, lendo, procurando coisas novas. Se tivesse parado no ensino médio, não teria a mentalidade e tudo que tenho. Hoje meu foco é expandir o negócio”, conta ele, que tem um escritório na área de comércio eletrônico e marketing digital em Itapuí, interior de São Paulo.

“Existem mais horizontes para explorar”

Emerson Luiz Piantkoski (**foto ao lado**), de 25 anos, é biólogo e faz mestrado em Zoologia pela Unesp Botucatu. Apesar de estar em uma universidade pública renomada, ele precisou estudar bastante para conseguir uma vaga no curso de Biologia. Na primeira tentativa, em 2008, ele só conseguiu aprovação em uma universidade particular, mas não podia pagar as mensalidades.



Em 2011, depois de fazer cursinho, ele foi aprovado na Unesp. “Entrei na lista de chamada como o 40º colocado. Fui o último da turma em posição, mas me formei como primeiro aluno”, revela orgulhoso, acrescentando que foi o primeiro membro da família a fazer graduação. “Quando a gente continua os estudos, percebe que pode ir mais além, existem mais horizontes para explorar, mais oportunidades.”

Além do mestrado, ele trabalha em um laboratório de biologia marinha especializado em crustáceos dentro da Unesp Bauru. “Nosso enfoque é meio ambiente e descobri que gosto muito do mar. Às vezes, vamos a campo fazer coletas, acabei me apaixonando”, diz. Um dos sonhos de Emerson é dar aulas em universidades. “Quero concluir o mestrado, fazer doutorado e pós-doutorado. São coisas que eu nem imaginava que existiam quando estava no ensino médio.”

“A educação no País deixa a desejar. É preciso mais investimentos, não apenas financeiros, mas que foquem em aproximar o aluno cada vez mais. E não apenas na teoria como também na prática. Falta incentivo para o aluno querer gostar da matéria. Além disso, há a necessidade de uma motivação para os jovens que, muitas vezes, deixam de estudar porque criam uma imagem de que o que aprendem em sala não vai gerar nada no futuro. Gosto de estudar, no colégio onde estudo tem estímulos, mas sinto falta de mais aulas práticas.” Matheus Vinícius Gaspar de Souza Araújo (**foto ao lado**), de 16 anos, aluno do segundo ano do ensino médio em uma escola particular do Rio de Janeiro



“A situação do ensino na escola pública está uma calamidade. Tem superlotação na sala de aula, faltam professores fixos e o ensino não tem tanta qualidade. Na minha sala, estamos sem professor de biologia, então tem um revezamento de professores de outras disciplinas, isso nos prejudica. Sobre conteúdo, estamos revisando muitas coisas que já foram passadas, não tem coisas novas. O desejo de ir para a escola vai diminuindo.” Aline Michele Bernardo de Oliveira, de 17 anos, aluna do terceiro ano do ensino médio em uma escola estadual de São Paulo

Cursos gratuitos para jovens

Precisa de incentivo para estudar? O grupo cristão FJUniversitários oferece apoio em todo o Brasil. Com cerca de 5 mil integrantes, o projeto promove feiras e palestras sobre vários temas. Já o departamento Jovem Nota 10 tem diversos cursos gratuitos, como inglês, espanhol, francês, alemão, designer gráfico, contabilidade, recursos humanos, fotografia e preparatório para o Enem. Mais informações em www.fjuniversal.org/universitarios

*Colaborou: Milena Wiltemburg Pochini

